CAROLINA MARTUSCELLI

Boletim CXIX, Psicologia, n. 3
Universidade de São Paulo, FFCL

UMA PESQUISA SOBRE ACEITAÇÃO DE GRUPOS NACIONAIS, GRUPOS "RACIAIS" E GRUPOS REGIONAIS, EM S. PAULO.

★

S. PAULO - BRASIL
1950

Os meus agradecimentos à Profa. Annita Cabral, sob cuja orientação foi feita esta pesquisa, não só por me haver incumbido de sua realização, como por suas valiosas sugestões bibliográficas, seu auxílio nos vários passos de coleta e interpretação dos dados e sobretudo pelo estímulo constante sem o qual um trabalho desta natureza não poderia ser feito.

Agradeço, pela inteira colaboração recebida durante a aplicação da escala de atitudes, aos senhores diretores e professores: — da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Faculdade de Medicina Veterinaria, da Faculdade de Farmácia e Odontologia, da Faculdade de Higiene, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" e da Escola Politécnica — *Universidade de São Paulo;* da Faculdade de Filosofia e Letras de São Bento, da Faculdade Paulista de Direito, da Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae, da Faculdade de Filosofia de Campinas e da Faculdade de Engenharia Industrial, da *Universidade Católica de São Paulo;* da Faculdade de Filosofia, da Faculdade de Arquitetura e da Escola de Engenharia do *Mackenzie College;* da Faculdade de Ciências Econômicas "Alvares Penteado" e da Escola Paulista de Medicina.

Ainda, meus agradecimentos ao Departamento de Cultura e Ação Social da Reitoria da Universidade de São Paulo pelo apoio que me foi dispensado.

Carolina Martuscelli

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa sôbre distância social tem por finalidade procurar situar alguns aspectos do problema de aceitação de nacionalidades, grupos nacionais, "raciais" e regionais ao nosso meio.

O termo *distância social* é usado para designar a posição social (aproximação, afastamento) de uma pessoa ou grupo, em suas relações, de superioridade e inferioridade, com outros indivíduos ou grupos de indivíduos.

Um dos meios de estudo da distância social são as escalas de atitudes, cujo melhor exemplo é a Escala de Distância Social de Emory S. Borgardus que representa, sem dúvida, uma das primeiras tentativas para medir atitudes "raciais". Consiste à Escala de sete itens relacionados com nacionalidades e grupos "raciais". Os itens variam entre dois extremos representando um, a atitude de maior aceitação suposta e o outro, a atitude contrária, isto é, a de menor aceitação também suposta. Os outros cinco itens exprimem atitudes menos extremas que as mencionadas. Em ordem crescente de distância social os itens da Escala têm a seguinte graduação:

1. Aceitação como parente pelo casamento.
2. Aceitação como membro do clube no círculo de amigos.
3. Aceitação como vizinho de rua.
4. Aceitação como membro da classe profissional no país.
5. Aceitação como cidadão no país.
6. Aceitação somente como turista no país.
7. Exclusão do país.

Precedendo o relato da investigação realizada e ainda nesta introdução, queremos apresentar um resumo da pesquisa original de Bogardus, não somente para divulgar em nosso meio este interessante trabalho, como também para facilitar a exposição das comparações que tentarei fazer entre os resultados dos dois estudos.

Emory S. Bogardus aplicou sua Escala de Distância Social a 1.721 norte-americanos, abrangendo com êsse número uma população composta de sujeitos de várias partes dos

Estados Unidos, de ambos os sexos; de idades diferentes; de religião diferente; de nivel educacional diferente e de diferente ascendencia "racial". Êsses sujeitos revelaram sua atitude relativamente a 40 diferentes grupos "raciais", incluindo o norte-americano. A Tabela I apresenta o comportamento dos 1.725 norte-americanos diante da escala que lhes foi apresentada.

TABELA I

Reações dos 1.725 norte americanos a 40 "raças" diferentes (em %).

Raça	1 Aceitaria parente casamento	2 Aceitaria membro clube c/ amigo	3 Aceitaria vizinho de rua	4 Aceitaria clas. profissional no país	5 Aceitaria cidadão no país	6 Aceitaria somente c/ turista no país	7 Excluiria do país
Ingleses	93,3	96,7	97,3	95,4	95,9	1,7	0
Americanos	90,1	92,4	92,6	92,4	90,5	1,2	0
Canadenses	86,9	93,4	96,1	95,6	96,1	1,7	0,3
Escoceses	78,1	89,1	91,3	92,8	93,3	1,7	0
Escoceses-Irlan.	72,6	81,7	88	89,4	92	16,7	0,4
Irlandeses	70	83,4	86,1	89,8	91,4	4	0,7
Franceses	67,8	85,4	88,1	90,4	92,7	3,8	0,8
Galeses	60,8	72,3	80	81,4	86	5,4	0,3
Alemães	54,1	67	78,7	82,6	87,2	6,7	3,1
Canadenses-Fran.	49,7	66,4	76,4	79,3	87	4,4	0,8
Suécos	45,3	62,1	75,6	78	86,3	5,4	1
Holandeses	44,2	54,7	73,2	76,7	86,1	2,4	0,3
Noruegueses	41	56	65,1	72	80,3	8	0,3
Dinamarqueses	35	52,2	65,5	71,4	80,1	4,5	0,9
Espanhóis	27,6	49,8	55,1	58	81,6	8,4	2
Finlandeses	16,1	27,4	36,1	50,5	61,2	12,8	2,8
Russos	15,8	27,7	31	45,3	56,1	22,1	8
Italianos	15,4	25,7	34,7	54,7	71,3	14,5	4,8
Portugueses	11	22	28,3	47,8	57,7	19	3,3
Poloneses	11	11,6	28,3	44,3	58,3	19,7	4,7
Húngaros	10,1	17,5	25,8	43	70,7	20,3	7
Rumenos	8,8	19,3	23,8	38,3	51,6	22	4,6
Armenios	8,5	14,8	27,8	46,2	58,1	17,7	5
Tchecos	8,2	16,4	21,1	36	47,4	26	9,5
Indios	8,1	27,7	33,4	54,3	83	7,7	1,6
Judeus-alemães	7,8	22,1	25,5	39,8	53,5	25,3	13,8
Bulgaros	6,9	14,6	16,4	19,7	43,1	21,9	7
Judeus-russos	6,1	18	15,7	30,1	45,3	22,7	13,4
Gregos	5,9	17,7	18	35,2	53,2	25,3	11,3
Sírios	4,3	13,8	18	31	41,1	21,4	9
Servo-croatas	4,3	10,4	12	10,3	30,4	18,6	8
Mexicanos	2,8	11,5	12,3	77,1	46,1	30,8	15,1
Japoneses	2,3	12,1	13	27,3	29,3	38,8	2,5
Filipinos	1,6	15,2	19,5	36,7	52,1	28,5	5,5
Negros	1,4	9,1	11,8	38,7	57,3	17,6	12,7
Turcos	1,4	10	11,7	19	25,3	41,8	23,4
Chineses	1,1	11,8	15,9	27	27,3	45,2	22,4
Mulatos	1,1	9,6	10,6	32	47,4	22,7	16,8
Coreanos	1,1	10,8	11,8	20,1	27,5	34,3	13,8
Hindús	1,1	6,8	13	21,4	23,7	47,1	19,1

Generalizando os resultados, como o fez Bogardus, podemos afirmar que todas as "raças" do norte da Europa são alvo de uma atitude de simpatia por parte dos norte-americanos, enquanto que os asiáticos, negros e mulatos, ao contrário, são muito pouco aceitos.

* * *

METODO — A escala de atitudes usada na presente pesquisa é uma adaptação da Escala de Bogardus como pode ser visto pelo modelo que segue.

Modelo de folha usada na obtenção dos dados:

Sexo..... Data do nascimento..... Profissão do pai..... Nacionalidade pai..... Nacionalidade..... Lugar do nascimento.....

Instruções: Examine bem as classificações abaixo, correspondentes a cada nacionalidade ou grupo. Escolha para cada nacionalidade ou grupo uma ou mais delas (fazendo um círculo ao redor do número respectivo), levando em conta seus sentimentos em relação aos membros de cada nacionalidade ou grupo, em geral, e não aos bons ou maus indivíduos que você conhece de cada um.

Nacionalidades e Grupos	Aceit. c. parente casam.	Aceit. membro clube em meu cir. amigos	Aceit. c. vizinho de rua	Aceit. c. membro classe profis. no país	Aceit. cidadão em meu país	Aceit. c. turista em meu país	Exclui do meu
Alemão	1	2	3	4	5	6	7
Argentino	1	2	3	4	5	6	7
Armenio	1	2	3	4	5	6	7
Baiano	1	2	3	4	5	6	7
Canadense	1	2	3	4	5	6	7
Carioca	1	2	3	4	5	6	7
Chinês	1	2	3	4	5	6	7
Espanhol	1	2	3	4	5	6	7
Francês	1	2	3	4	5	6	7
Gaucho	1	2	3	4	5	6	7
Indú	1	2	3	4	5	6	7
Inglês	1	2	3	4	5	6	7
Italiano	1	2	3	4	5	6	7
Japonês	1	2	3	4	5	6	7
Judeu	1	2	3	4	5	6	7
Mexicano	1	2	3	4	5	6	7
Mulato	1	2	3	4	5	6	7
Negro	1	2	3	4	5	6	7
Norte Americ.	1	2	3	4	5	6	7
Nortista	1	2	3	4	5	6	7
Paraguaio	1	2	3	4	5	6	7
Paulista	1	2	3	4	5	6	7
Português	1	2	3	4	5	6	7
Peruano	1	2	3	4	5	6	7
Russo	1	2	3	4	5	6	7
Sírio	1	2	3	4	5	6	7
Uruguaio	1	2	3	4	5	6	7

As modificações introduzidas na escala se referem: (1) à inclusão de outros grupos e nacionalidades com o fim de atender melhor ao meio a que se destinava a escala. Deve-se notar aqui, de maneira especial, a inclusão de grupos regionais brasileiros; (2) à exclusão de certos grupos e nacionalidades, cuja consideração, de acordo com meu ponto de vista, não era de interesse — como por exemplo, a distinção dos vários grupos de nacionalidade britânica; (3) a ligeira alteração do sentido do 6.o item que compõe a escala, que nesta pesquisa ficou: Aceitaria como turista em meu país. Na redação original lê-se: "I would permit members of this group as visitors only to my country"; (4) por fim, não propriamente uma modificação, mas a inclusão de uma pergunta que aparece ao lado direito da folha, após o 7.o item: — *Por que excluiu essas nacionalidades?*

OS SUJEITOS — Os sujeitos da presente investigação são 2.076 universitários das faculdades e escolas superiores do Estado de São Paulo. Procurando garantir a generalização das conclusões obtidas, tomamos de cada faculdade e escola superior 30% do número total de alunos matriculados, no ano letivo de 1949, deixando ao acaso a seleção dos sujeitos em cada série escolar.

Essa população, que constitue a amostra representativa dos universitários paulistas, compõe-se de indivíduos de ambos os sexos (509 do sexo feminino e 1.457 do sexo masculino), de nacionalidade brasileira, de idade variando entre 17 e 40 anos. A ascendencia "racial" da população está discriminada na Tabela II.

TABELA II

Ascendencia "racial" dos 2.076 universitários

Brasileiro	1422	Tcheco	3
Italiano	208	Inglês	4
Português	107	Boliviano	3
Sirio	94	Austriaco	3
Japonês	54	Yugoslavo	3
Espanhol	45	Dinamarquez	3
Russo	30	Armenio	2
Polonês	26	Panamenho	2
Alemão	19	Suiço	1
Lituano	11	Austriaco	1
Francês	8	Egípcio	1
Húngaro	7	Norte-americano	1
Rumeno	6	Belga	1
Argentino	5	Bulgaro	1
Judeu	3	Grego	1

A APLICAÇÃO: — Numa folha mimeografada foi a Escala distribuida aos sujeitos quando se encontravam reunidos nas salas de aula. De maneira a conseguir maior sinceridade nas respostas, não se pediu o nome aos sujeitos. Algumas explicações orais relativas à finalidade da pesquisa precederam a distribuição das folhas, visando com isso despertar o interesse e obter uma cooperação que coadunasse com os objetivos da pesquisa.

OS RESULTADOS:

A Tabela III mostra a distribuição das porcentagens em cada item e para cada um dos grupos nacionais, "raciais" e regionais considerados.

TABELA III

Resultados em porcentagem da E. D. S. aplicada em 2.076 universitários

Nacionalidades e Grupos	Aceitaria parente casamento	Aceitaria como amigo	Aceitaria como vizinho	Aceitaria membro profis.	Aceitaria como cidadão	Aceitaria como turista	Exclu do país
Italiano	74,7	89,5	91,6	88,7	90,8	94,2	0,
Português	72,7	86,6	94	87,6	92,8	94,1	0
Norte-Americano	71,2	87,4	91,3	84,9	85,4	98,8	2,5
Argentino	69,8	89,1	89,8	84,9	85,3	94,2	1,
Francês	68,4	88,5	91,2	87,2	89,5	94,8	0,
Uruguaio	66,9	89,7	89,5	84,7	87,4	93,7	0,
Inglês	65,8	87,6	91,1	81,7	82,4	95	1,
Espanhol	65,6	84,1	87,2	82,5	87,1	92,3	1
Mexicano	63,6	90,1	79,6	83	83,1	93,1	0,
Canadense	62,1	87,1	90,7	85,4	87,5	94,4	0,
Peruano	60,4	81,1	87,2	82,7	85,6	92,4	0
Alemão	60,2	81,9	89,9	85,4	85,4	90,7	4,
Paraguaio	59,1	83,4	87,6	82,6	84,1	91,6	0,
Sírio	40,3	75,4	84,7	73,7	77,7	92,5	7,
Russo	38,3	67,9	79,8	73,4	70,5	83,5	15
Armenio	34,5	69,5	79,7	74	72,1	88,9	6,
Indú	29,8	71,6	81,1	75,9	79	94,2	2,
Judeu	26,2	59,9	51,9	64,5	64,2	84,2	24
Chinês	25,2	75,4	81,1	76,3	78,4	90,4	4,
Japonês	23,4	69,2	80	75,4	73	87,7	9,
Mulato	14	59,7	75,8	74,9	77,4	87,3	5,
Negro	9,9	55,5	71,9	73,3	74,4	85,9	7

A partir dessas porcentagens, podemos afirmar que praticamente todos os americanos e europeus, com a exceção dos russos, são aceitos pelos paulistas. Tal aceitação se evidencia ao comparar as porcentagens do 1º item, que se refere à atitude de aceitação como parente pelo casamento, dessas nacionalidades aceitas, com as porcentgens dos russos asiáticos, negros e mulatos.

Por que essa distância tão grande dos brasileiros com respeito a russos, asiáticos, negros e mulatos?

Ao comparar os resultados nesse item com os obtidos por Bogardus na sua pesquisa acima resumida, pudemos verificar que se os norte-americanos não aceitam tantas nacionalidades como os sujeitos da presente investigação (pois suas simpatias se restringem aos europeus do norte), no tocante à atitude de *não-aceitação* a coincidencia, quanto às nacionalidades e aos grupos nacionais apontados, é significativa. Como pouco aceitos figuram em ambos os países os russos, os asiáticos, os negros e os mulatos, embora o sejam entre outras nacionalidades.

Resulta, portanto, desta comparação, o fato que o paulista simpatiza com um número maior de nacionalidades e grupos nacionais do que o norte-americano e que, apesar de haver a coincidencia já assinalada quanto a não-aceitação, as porcentagens atribuidas às nacionalidades e grupos nacionais em nosso caso nunca chegam a atingir os extremos encontrados por Bogardus, como por exemplo, apenas 1,1% de aceitação do chinês, indú, mulato, como parentes pelo casamento; 1,4% do negro; 2,3% do japonês, etc..

Voltando à análise dos dados obtidos, verificámos ainda que uma distância bem menor separa as nacionalidades nos itens seguintes da escala. Tal fato demonstra uma maneira de se colocar o problema de distância social, em nosso meio, diferente da que as investigações levadas a efeito nos E. U. revelaram. Ao comparar as porcentagens do 2º, 3º, 4º e 5º itens, póde-se ver que na população estudada por Bogardus permanece *relativamente a mesma diferença* entre as nacionalidades mais aceitas e as pouco aceitas, enquanto que na população paulista, embora se note permanencia de uma certa diferença entre os dois grupos *aceitos* e *pouco*

aceitos (1) quanto ao 2º item, essa diferença tende a desaparecer e tornar-se pouco significativa, como por exemplo no item 4º.

A julgar por êsses dados, a atitude do universitario paulista *é mais igualitaria e menos discriminativa que a dos norte-americanos*, não só quanto ao número de nacionalidades e grupos nacionais aceitos, como também quanto à distância social a que se coloca dêsses grupos.

Será talvez possivel generalizar essa afirmação para os brasileiros em geral, se lembrarmos aqui uma pesquisa semelhante. embora com número bem menor de sujeitos, realizada pela Dra. Aniela Ginsberg, em 1946, entre os estudantes da Faculdade de Direito e de Filosofia e componentes do C. P. O. R. (Centro de Preparação de Oficiais de Reserva), de Salvador — Baía. Submetendo 400 sujeitos à Escala de Distância Social de Bogardus, usando porém uma técnica diferente, chegou a Dra. Ginsberg às seguintes conclusões (2):

"1. As nacionalidades preferidas para *membro de familia* eram em ordem decrescente as seguintes: Americanos do norte, Franceses, Portugueses, Ingleses, Italianos, Mexicanos, Alemães, Argentinos, Espanhóis e Uruguaios.

2. Como *amigos* eram escolhidos: Americanos do Norte, Franceses, Ingleses, Portugueses, Alemães. Italianos, Canadenses e Chineses.

3. Como *vizinhos* eram preferidos: Americanos do Norte, Portugueses, Ingleses, Franceses, Alemães e Italianos com a mesma frequência.

4. Como *colegas* eram escolhidos de preferência: Alemães, Americanos do Norte, Franceses, Ingleses, Portugueses, Sírios, Italianos e Russos.

---

(1) — Chamaremos de grupos aceitos ao conjunto de nacionalidades ou grupos nacionais que no 1º item obtiveram uma porcentagem superior a 50%. e grupo de pouco aceitos os que alcançaram uma porcentagem inferior a 50 %.

(2) — Agradeço à Dra. Aniela Ginsberg e à direção do Boletim da Sociedade de Psicologia de São Paulo a permissão que me foi concedida de usar os dados desta pesquisa a ser publicada brevemente.

5. Como *cidadãos* eram preferidos os Portugueses, Americanos do Norte, Franceses, Italianos, Ingleses, Paraguaios.

6. Como *turistas* eram escolhidos: Americanos do Norte, Franceses, Ingleses, Chineses e Uruguaios.

7. *Expulsos* do Brasil deviam ser os Japoneses, Russos, Alemães, Judeus, Espanhóis e Sírios."

A semelhança que de maneira geral se verifica entre essas conclusões e as inferidas das porcentagens desta pesquisa é uma base para a hipótese que a atitude mais igualitaria e menos discriminativa — em comparação com a dos norte-americanos — revelada pelos universitarios paulistas seja uma atitude comum aos brasileiros em geral.

Ao lado dessa semelhança, certas peculiaridades chamam a atenção e levam a crer na existencia de atitudes que poderíamos chamar de *atitudes regionais* brasileiras quanto à aceitação de nacionalidades e grupos nacionais. E', por exemplo, a atitude diferente que se depreende das porcentagens obtidas nessas pesquisas entre paulistas e baianos, em relação aos japoneses e espanhóis.

Na investigação entre baianos 50,5% dos sujeitos eram de opinião que os japoneses deveriam ser excluidos do país, e 31,2% manifestaram essa mesma opinião em relação aos espanhóis. Na sétima coluna da Tabela III póde-se ler que os japoneses deveriam ser excluidos do país de acordo com 9,9% dos sujeitos paulistas, enquanto que os espanhóis somente de acordo com 1% dos mesmos sujeitos. A diferença entre as porcentagens é significativa e o tempo que decorreu entre as duas pesquisas não parece ter agido de maneira diversa no caso dessas duas nacionalidades. Em S. Paulo a porcentagem relativa aos japoneses é cinco vezes menor, enquanto que a relativa aos espanhóis é 30 vezes menor do que na Baía. Ora, está claro que o tempo, só, não explica por que uma tal atitude negativa em relação aos espanhóis na Baía. (Deve-se lembrar que na Baía a pesquisa se realizou logo após o término da segunda guerra mundial, o que não deixará de ter importancia, principalmente em relação aos japoneses, contra os quais o Brasil havia declarado guerra.)

Consultada sobre esse fato, disse a Dra. Ginsberg que a atitude de não-aceitação que os jovens baianos revelaram em relação aos espanhóis está talvez relacionada com a atividade que os elementos dessa nacionalidade exercem naquele estado. Todo o mercado de gêneros alimenticios está nas mãos de grande número de espanhóis estabelecidos na Baía, os quais gozam da fama de "exploradores do povo". — E' esta mais uma hipótese que, como as demais, deveria ser submetida à investigação por outros meios.

Retornando ainda uma vez à Tabela III, quero focalizara agora o item que diz respeito à *atitude negativa* em relação aos varios grupos. As porcentagens da sétima coluna (exclusão), revelam um forte antisemitismo representado por 24% de exclusão do país, o que de certa maneira é corroborado pela pouca aceitação dos judeus no outro extremo (primeira coluna). Em ordem decrescente, quanto à exclusão do país, são os judeus seguidos pelos russos (15%), japoneses (9,9%), sírios (7,5%), negros (7%), armenios (6,2%), mulatos (5,2%), alemães (4,5%), chineses (4,2%), indús (2,7%) e norte-americanos (2,5%). Portanto, os menos regeitados são os latinos e os latino-americanos.

Quanto à pergunta que introduzimos solicitando dos sujeitos o porquê da exclusão das nacionalidades e grupos nacionais, os resultados são ainda uma vez ilustrativos. Para explicar o que os levara a adotar atitude tão extrema de não aceitação, os sujeitos responderam à pergunta proposta com certas frases que passaremos a enumerar:

— Por serem nocivos e perigosos ao país (exploradores, parasitas, desordeiros, etc.).

— Por se constituirem em grupo não assimilavel (formam quistos, um estado dentro de outro estado, etc.).

— Por seus traços de caráter nacional negativos (crueldade, falsidade, sentimento de superioridade, etc.).

— Por diferença de raça.

— Por diferença de credo religioso.

— Devido à sua ideologia política.

— Por serem inferiores.

— Devido ao fator côr.

— Por serem antipáticos.

Mais especificamente: a exclusão dos judeus, japoneses, chineses, russos, sírios e armenios foi mais frequentemente atribuida aos cinco primeiros porquês, embora estes apareçam, não muito raramente, associados aos demais. De maneira toda especial aos russos foi referido como causa da exclusão o fato de possuirem uma ideologia política que não está de acordo com a formação do povo brasileiro; aos alemães, foram atribuidos os adjetivos que aparecem na terceira frase; e, por fim, a pecha de inferiores continua para os negros e mulatos. A êsses porquês devo acrescentar que 30% dos sujeitos responderam de maneira vaga à pergunta (como por exemplo: "Porque não gosto", "Por razões obvias"), que outros 8%, apesar de excluirem várias nacionalidades e grupos nacionais do país, deixaram de dar qualquer resposta à questão.

Se os porquês apontados não bastassem, somente êsse grande número de respostas vagas e em branco nos levaria a acrescentar mais esta comprovação à teoria que procura explicar o preconceito como sendo "um composto de estereótipos, mitos e lendas no qual o rótulo ou símbolo é usado para classificar, caracterizar e definir um indivíduo ou grupo considerado como uma totalidade". "Como todo o estereótipo, tal preconceito "racial", conforme a estrita lógica, é um falso conceito; uma palavra ou uma frase é usada para dar a uma pessôa ou um grupo características gerais e abstratas que não são apoiadas por razões ou fatos científicos. Além disso, tais estereótipos são baseados numa variedade de mitos, lendas e ideologias". "De acordo com a etimologia da palavra, "preconceito" significa tomar uma decisão ou adotar uma atitude ou crença antes. E' uma perversão do julgamento racional por interesses próprios ou do grupo, e como quase todos os estereótipos e mitos, o preconceito é especialmente eficaz porque é geralmente acompanhado de forte tonalidade afetivo-emocional (1)".

OS RESULTADOS PARA OS GRUPOS REGIONAIS:

Quando me referi às modificações introduzidas na escala original, fiz alusão aos grupos regionais. Acrescentei tais grupos levada pela curiosidade de saber que atitude assume o

(1) — Kimball Young — **Handbook of Social psychology**, pp. 257-258.

paulista frente a outros grupos regionais do proprio Brasil, havendo escolhido, para pesquizar, os gauchos, cariocas, baianos e nortistas.

Os resultados em porcentagens de aceitação aparecem na Tabela IV.

TABELA IV

Aceitação dos grupos regionais brasileiros. Resultado em %.

Grupos regionais	Aceitaria parente p. casamento	Aceitaria c. membro clube, como amigo	Aceitaria como vizinho de rua	Aceitaria c. membro classe profissional
Paulista	92,1	96,7	95,6	95,3
Gaucho	76,5	89,2	88,5	90,1
Carioca	75,9	91,1	92,2	90,4
Baiano	64,4	87,4	90,1	89,8
Nortista	64	85,9	90,1	89,3

Nota-se claramente que existe uma "escolha" por parte do paulista. Depois do próprio paulista, aceita mais o gaucho e o carioca que o baiano e o nortista. Tal atitude se acentua ao colocarmos os regionais na Tabela III. Assim, 8 nacionalidades são mais aceitas como parentes pelo casamento que os grupos de baiano e nortista.

A distribuição da população segundo o lugar de nascimento dos sujeitos brasileiros nesta pesquisa obedece à Tabela V.

TABELA V

Distribuïção da população segundo o lugar de nascimento.

Paulistas	1845	Catarinenses	16
Mineiros	70	Paranaenses	14
Nortistas	47	Baianos	11
Cariocas	32	Mato-grossenses	11
Gauchos	21	Goianos	9

A diferença de atitudes é sugestiva e as hipóteses que posso levantar para explicá-las são as seguintes: (1) se não é verdade, parece ser uma opinião corrente que os diplomados pelas escolas superiores das regiões do norte, onde há escolas superiores seculares, vêm para o sul, para São Paulo,

entrando então em concorrência com os profissionais liberais locais. Essa explicação encontra um paralelo na explicação de sociólogos americanos que afirmam que o maior preconceito contra o negro, verificado no sul dos E. U., é motivado pela concorrência econômica. Para comprovar tal hipótese necessário se faz um estudo comparativo da imigração de gauchos, cariocas, baianos e nortistas para São Paulo; (2) uma outra explicação estaria possivelmente no fato dos nortistas serem identificados mais facilmente pelo tipo físico (o estereótipo da cabeça chata, por exemplo) ou mais facilmente reconheciveis por sua fala característica.

Frizamos que são hipóteses e como tais devem ser verificadas através de outras pesquisas.

* * *

ALGUNS COMENTÁRIOS SOBRE A GRADUAÇÃO DA "ESCALA"

Ao lado dos resultados obtidos neste inquérito de opinião pública, não podemos nos furtar de acrescentar alguns comentários sobre a Escala de Distância Social sugeridos pela experiência desta pesquisa.

Não nos referimos à validade da Escala de Bogardus, fato que já foi estabelecido por vários métodos estatísticos. Se não fôra isso, as inúmeras pesquisas realizadas com escalas semelhantes por um número apreciavel de psicólogos, bem como os vários trabalhos e discussões que êsse método suscitou, já seriam fatos suficientes a seu favor. Mas, um ponto chamou a atenção já numa pesquisa preliminar realizada entre alunos de escola normal (1). Pelos resultados então obtidos, verificamos que a graduação emprestada por Bogardus a sua escala não estava de acordo com o *sentido de distância social* do grupo investigado. Assim era que no item 4º, isto é, no item em que se questiona o indivíduo sobre a atitude de aceitação das varias nacionalidades e grupos nacionais como *membro de sua classe profissional*, as porcentagens baixam sensivelmente. Naquele grupo uma explicação plausivel logo se apresentou. Estávamos tratando com futuros professores primários e a profissão que iriam

(1) — A pesquisa referida foi realizada em 1947 em colaboração com Maria José Garcia e constituiu um trabalho escolar para o Curso de Especialização em Psicologia Educacional, cadeira de Psicologia Social, dirigida pelo Prof. Otto Klineberg.

exercer é pela própria lei do país privativa de elementos nacionais.

Ora, esta hipótese deixa de ser aplicavel na população objeto deste inquérito, pois tratamos com indivíduos que irão exercer as mais variadas profissões liberais e, no entanto, salvo rarissimas exceções, as porcentagens tendem tambem a diminuir ao atingirem o 4º item.

Êsses nossos comentários não encontram éco no estudo de avaliação da Escala de Distância Social de Bogardus pelo método de intervalos equidistribuidos desenvolvido por A. Q. Sartain e H. V. Bell Jr. que se referem nêsses termos ao problema aqui ventilado: "E' evidente que a escala não é composta de itens igualmente espaçados". Entretanto, na apresentação dos índices por êsses mesmos autores temos o seguinte — "O item mais favoravel (Nº 1) foi bastante favoravel (10, 56) e o menos favoravel (nº 7) pouco favoravel (1,29), mas a distância entre os outros itens não segue nenhum padrão. Em um caso há mesmo uma aparente inversão (Nº 5 parece ser mais favoravel que o nº 4) contudo os Nºs 3, 4 e 5 não são significativamente diferentes na atitude que lhes foi atribuida".

Não verificamos essa mesma graduação irregular dos itens da escala no comportamento dos nossos sujeitos traduzido pelas porcentagens. Um simples exame da Tabela III mostrará: (1) maior distância entre o 1º item quando colocado frente aos outros; (2) porcentagens elevadas no 3º item falando com certeza de uma colocação diferente da questão da visinhança no nosso meio. O problema de visinhança se coloca em outros termos nos Estados Unidos, onde existem discriminações nacionais e "raciais" seja no bairro, na rua ou no predio de apartamento — lá, por exemplo, pretos não habitam predio de apartamento de brancos; (3) a já mencionada diminuição das porcentagens do 4º item, revelando uma provavel atitude de auto-defesa dos paulistas no campo da concorrência profissional com estrangeiros.

ALGUMAS VARIAVEIS COMPARADAS COM O GRAU DE PRECONCEITO

PRECONCEITO E IDADE — Tabulando as frequencias dos universitários que compõem a população investigada, levando em consideração o fator idade, pudemos verificar que

não há diferença quanto à distância social conforme a idade. Esta verificação, por um lado, não confirma o achado de Bogardus, que diz ter verificado que quanto mais jovem é o indivíduo, mais inclinado se mostra a diminuir a distância pessoal que o separa dos grupos colocados no fim da escala, mantendo contudo, grande distância nas relações impessoais com aqueles mesmos grupos. Por outro lado, confirma os resultados obtidos por Launor Carter e Symonds. Carter afirma numa investigação sobre "The identification of "racial" membership", que — "Os resultados de preconceito não estão relacionados com a idade". Symonds, usando o método de questionário, testou grupos de várias idades, da escola primária à universidade em Hawaí e não encontrou diferenças.

PRECONCEITO E SERIE ESCOLAR — Nossos resultados nada revelam sobre um ponto que geralmente é verificado pelos investigadores do assunto, que se referem à maior "liberalidade" entre os indivíduos pertencentes às séries mais adiantadas do "college". Um estudo dos dados não revela nenhuma diferença significativa que levasse a relacionar adiantamento universitário e menor gráu de preconceito.

Poder-se-ia consignar uma hipótese que devo à Profa. Annita Cabral para explicar esta diferença entre os presentes resultados e os norte-americanos: os alunos de "college" nos E. U. parece que participam menos, realmente, dos problemas agudos da vida social e política do que no Brasil. Restaria saber-se essa "liberalização" se mantém, ou não, nos E. U., quando o indivíduo deixa aquela vida universitária que se desenrola num meio relativamente segregado das competições econômicas e profissionais do ambiente geral.

PRECONCEITO E SEXO — Tomando as atitudes extremas que são sem dúvida as mais significativas da escala, podemos estabelecer uma nova relação agora entre sexo e preconceito. (Tabela VI).

Ao compararmos as porcentagens da atitude de aceitação como parente pelo casamento dois fatos sobresaem: (1) no grupo de aceitos há uma diferença na escolha das nacionalidades. Os sujeitos do sexo feminino aceitam mais franceses, norte-americanos, ingleses e canadenses, enquanto que os do sexo masculino acusam, por porcentagens mais elevadas,

uma preferencia pelos latinos, latino-americanos e alemães; (2) no grupo de pouco aceitos é curioso notar a constancia de porcentagens inferiores na coluna do sexo feminino.

TABELA VI

Relação entre as atitudes extremas da escala, e sexo.

Nacionalidades	Aceitação como parente casamento		Exclusão do país	
	M	F	M	F
Italiano	75,8	71,2		
Português	74,1	68,4		
Argentino	70,1	68,8	1,3	2,1
Uruguaio	68,3	62,5		
Francês	67,2	71,8		
Espanhol	66,7	61,9		
Mexicano	65	59,4		
Norte-Americano	65	70,4	2,6	2,3
Inglês	64,4	70		
Alemão	62,1	54,2		
Peruano	61,8	56,2		
Paraguaio	59,9	56,8		
Canadense	59,2	71		
Sírio	43	32	8,2	5,3
Russo	41,6	28,2	15,3	14,3
Armenio	38,2	23	7	3,9
Indú	38,1	19,3	2,9	2,1
Chinês	29,6	11,6	4,4	3,9
Judeu	29,6	17	26,1	17,1
Japonês	27,6	10,7	7,7	
Mulato	17	6,1	5,8	2,9
Negro	11,5	4,7	7,5	5,1

Da consideração das porcentagens de atitude de exclusão do país e das da atitude extrema oposta, resultam hipóteses diferentes e contraditórias: (1) por um lado, quanto à *exclusão do país*, com exceção das porcentagens relativas às nacionalidades argentina e japonesa, todas as outras porcentagens de sujeitos do sexo feminino são inferiores às do outro sexo, o que levaria a pensar em menor grau de preconceito entre as universitarias paulistas do que entre os homens do mesmo nivel; (2) por outro lado, há uma restrição maior entre as universitarias quanto *à aceitação pelo casamento*, que se manifesta em porcentagens geralmente mais

baixas na coluna F (feminino) nesse item, conforme a Tabela VI, o que levaria a pensar em maior grau de preconceito.

Como hipóteses para explicar essas diferenças entre os sexos no tocante à atitude mais discriminativa com respeito à aceitação pelo casamento, poderiam ser lembrados: (1) a diferença de significado que o casamento tem para a mulher e para o homem; (2) o fato de, no Brasil, o casamento significar maior limitação pessoal para a mulher do que nos Estados Unidos.

Com referência à atitude de exclusão do país, o que se verifica é uma identidade com os resultados de Allport e Kramer confirmados por Carter, segundo os quais as mulheres têm menos preconceito que os homens, generalização esta que, porém, é contrariada, nesta pesquisa, no caso da aceitação como parente pelo casamento.

Quero acrescentar que me limitei a citar fatos da pesquisa sem me preocupar com a causa final, com o porquê de tais resultados. As perguntas, nesse sentido, existem, e em grande número, a exigir novas e diferentes investigações neste campo tão interessante das relações sociais.

SUMARIO E CONCLUSÕES:

Universitários das faculdades e escolas superiores do Estado de São Paulo, num total de 2.076, foram usados como sujeitos numa investigação cuja finalidade era conhecer que nacionalidades, grupos nacionais, "raciais" e regionais eram aceitos, e como se verifica a maior e a menor aceitação nessa população.

Usando-se uma escala de atitudes, adaptação da Escala de Distância Social de Bogardus, como meio de coleta de dados, foram as seguintes as conclusões obtidas:

1. As nacionalidades e grupos nacionais aceitos como parente pelo casamento foram de maneira geral todos os americanos e os europeus com exceção dos russos; enquanto que, como pouco aceitos, figuram os russos, asiáticos, mulatos e negros.

2. No tocante aos outros itens da escala, os resultados falam de uma menor discriminação, e a distinção que no pri-

meiro item se podia fazer entre grupo de *aceitos* e grupo de *poucos aceitos* é nos outros itens menos nítida.

3. Da comparação desses resultados com os de Bogardus resulta que a atitude do paulista é mais igualitaria e menos discriminativa do que a do norte-americano.

4. As porcentagens referentes às nacionalidades e aos grupos nacionais revelam que excluidos do país deviam ser os judeus, russos, japoneses, sírios, armênios, mulatos, alemães, chineses, indús e norte-americanos.

5. As respostas à pergunta: "Por que excluiu essas nacionalidades?" são mais uma comprovação à teoria de que o preconceito é um estereótipo.

6. Na atitude em relação aos grupos regionais há uma maior aceitação do gaucho e do carioca do que do baiano e nortista.

7. Não foi verificada qualquer relação entre gráu de preconceito e série escolar, nem entre preconceito e idade.

8. A relação estabelecida entre gráu de preconceito e sexo revela uma diferença na seleção das nacionalidades e grupos nacionais aceitos como *parentes pelo casamento* (onde as mulheres revelam *mais* preconceito) e nas *exclusões* (caso em que as mulheres revelam *menos* preconceito).

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

1. BOGARDUS, Emory S., "The Measurement of social distance", in Newcomb, Hartley e als. (ed.), *Readings in Social Psychology*, Henry Holt Co., New York, 1947, pp. 503-507.

2. CARTER, L. F., "The identification of "racial" memberhip", *J. of Abnormal and Soc. Psych.*, 1948, 3, pp. 279-286.

3. SARTAIN, A. Q. e BELL, Jr. H. V., "An evaluation of the Bogardus Scale of Social Distance by the method of equal-appearing intervals", *J. of Soc. Psych.*, 1949, 29, pp. 85-91.

4. YOUNG, Kimball, *Handbook of Social Psychology*, Kegan Paul, Trench, Trubner Co., 1946.